

## O verdadeiro Artur

Temas de Destaque : Grandes Histórias

Publicado por Editorial [MisteriosAntigos] em 23/1/2008

Por Giba Stam

Não há quem não tenha ouvido falar, pelo menos uma vez, do rei Artur e de sua corte de jovens e bravos vassalos. Ostentando portentosas armaduras, combatendo pela honra de suas amadas e habitando grandes castelos, eles evocam os ideais da cavalaria, típicos da Idade Média.

Da literatura às óperas, das artes plásticas ao cinema de Hollywood, poucos personagens mereceram tanta atenção e tornaram-se tão conhecidos. **Mas, afinal, o rei Artur existiu?**

Para responder a esta pergunta e encontrar o verdadeiro Artur teremos que voltar mais longe no tempo. Não adianta procurá-lo nos séculos 10 e 11, onde ele foi eternizado como um nobre cristão senhor de feudos. Esse Artur nunca existiu.

A história do possível Artur começa na Bretanha (que corresponde hoje ao norte da França e ao Reino Unido). Ali viviam os celtas, um povo com origem no centro-sul da Europa, que se espalhou pelo continente durante a Idade do Ferro, aproximadamente em 600 a.C. Guerreiros tribais violentos, eles não reconheciam nenhum poder fora de seu próprio clã.

Com a ocupação romana, no século 1, no entanto, parte das tribos celtas foram sendo integradas ao império, entre eles estavam os bretões. Por cinco séculos, a Bretanha esteve sob o domínio romano que, além de trazer desenvolvimento para a região, protegia-a de invasões. Com o declínio do império, Roma passou a retirar suas legiões e, no início do século 5, os bretões tornaram-se alvo do ataque de pictos e escotos, tribos também de origem celta que habitavam o norte da ilha, onde hoje é a Escócia e a Irlanda. Mas vinham pelo mar as maiores ameaças à paz na Bretanha: anglos, jutos e saxões, povos de origem germânica.

### **O guerreiro bretão**

Desde o abandono das legiões romanas, os bretões vinham sofrendo derrotas e o avanço anglo-saxão parecia irreversível. Se haveria um herói na história desse povo, era uma boa hora para ele aparecer. Isso teria acontecido em 517, na batalha do Monte Badon, na qual os bretões conseguiram uma vitória decisiva contra os invasores.

De fato, a arqueologia comprova que na época que sucede a batalha, as invasões na Bretanha diminuíram e as tribos puderam desfrutar de uma certa paz que duraria algumas décadas. "Se Artur existiu, ele provavelmente combateu em Monte Badon. A lenda arturiana se remete ao mito da resistência e ao desejo de unificação. E a batalha em Badon é o único momento histórico comprovado em que isso de fato ocorreu", diz Adriana Zierer, historiadora da Universidade Federal Fluminense. Essa é a primeira coincidência entre mito e história.

Mas o certo é que o Artur de Monte Badon seria completamente diferente daquele que conhecemos pelos livros e filmes. "Os guerreiros da época eram extremamente violentos. Suas armas eram as espadas de ferro - uma curta e leve, outra pesadíssima e com quase um metro de lâmina - , machados rombudos e escudos.



Os combates eram travados no chão, em meio a um corre-corre danado. As lutas eram corporais e rápidas: a estratégia era acertar uma forte pancada na cabeça ou nas costas do inimigo e derrubá-lo.

Aí, a vítima não tinha mais chance: com uma espada mais curta e leve, ela era cortada preferencialmente na garganta, e deixada para sangrar e morrer" conta Ricardo Costa, historiador da Universidade Federal do Espírito Santo. Os celtas usavam cavalos para tração, mas raramente para montaria. Nas batalhas, isso simplesmente não ocorria.

Os combates eram comuns na Bretanha decadente do século 5. O padrão de vida proporcionado pelo Império Romano, com construções de pedra e até aquecimento central, foi decaindo. A vida era extramamente rústica e as estradas que ligavam as cidades foram estragando, isolando as tribos.

Os bretões não tinham unidade social ou religiosa: os clãs pouco se visitavam, não celebravam datas sagradas e mal comerciavam entre si, com exceção de trocas envolvendo cereais, roupas e calçados de couro. Viviam desconfiados de seus vizinhos, em clima de instabilidade política.

As alianças entre os clãs eram raras as disputas por território, ou qualquer outra diferença, geralmente se resolviam no braço. A maioria das pessoas eram camponeses vivendo uma vida muito simples, em casas de pau-a-pique. As moradias tinham um buraco no teto para sair a fumaça e o fogo era usado tanto para cozinhar carnes e cereais quanto para esquentar o ambiente. A faca era praticamente o único utensílio - garfos e colheres eram raros - e um chifre oco era usado como copo para beber.

A elite que escapava dessa pobreza era composta por alguns bretões romanizados, que desfrutavam de um conforto um pouco maior, vivendo em habitações fortificadas de pedra e de madeira, que chegavam até a importar produtos finos como o vinho. Era nesse grupo de privilegiados que se formavam os guerreiros, e Artur teria vivido entre eles, onde aprendeu a usar a espada e a lança.

Essas são as poucas provas que a arqueologia conseguiu para reconstituir o mundo arturiano. A maioria dos artefatos do período, como objetos de madeira e tecidos, se decompuseram nos pântanos da região e a única coisa que sobrou mesmo foram os buracos da fundação das casas.

No século passado houve um grande esforço para descobrir alguma coisa que comprovasse o mito de Artur. Em 1930, o arqueólogo Raleigh Radford, em missão oficial patrocinada pelo Ministério Britânico, escavou o Castelo de Tintegel, em Northern Cornwall, a 200 quilômetros de Londres.

Acreditava-se que aquele seria o local onde Artur nascera. As pesquisas confirmaram que o local havia sido uma fortificação no século 6. Foram encontrados potes e vasos de cerâmica importada, indicando que se tratava de um raro entreposto comercial. "Depois de 20 anos de trabalhos, a arqueologia não conseguiu provar que Artur foi concebido ali, mas mostrou que foram usados fatos reais na narrativa sobre ele", afirma Geoffrey Ashe, historiador da Universidade de Cambridge, Inglaterra, e autor do livro *A Descoberta de Rei Artur*.

### **Um rei latino**

Para Ashe, um dos maiores e mais assíduos pesquisadores sobre o tema, existiu um Artur histórico e o nome dele é Riothamus, versão latina do título bretão "Rigothamus", que quer dizer rei supremo. A melhor evidência de que Riothamus realmente existiu é uma carta do prefeito de Roma em torno de 470. "Esse era apenas um título, mas alguns relatos de época se referiam a ele como Artur, que poderia ser seu nome de batismo", diz Ashe. Riothamus cumpre alguns requisitos para ser aceito como Artur: ele participou de campanhas militares na região que hoje corresponde ao País de Gales, fato também atribuído ao Artur das lendas, e lutou na guerra contra os invasores da Bretanha.

Mas se esse fosse o nosso homem, Artur teria nascido antes do que se imagina, durante o domínio romano. Ele teria sido educado, falava latim, e poderia ter sido um rei de fato, não apenas um líder do período conturbado que se seguiu.

Sabe-se muito pouco sobre Riothamus, mas um evento famoso ligado a ele foi o envio, a pedidos do imperador, de um exército de 120 mil homens para ajudar a defender Roma contra invasores visigodos. Tudo indica que Riothamus tinha uma aliança com Roma, um sinal claro de seu poder, mas certamente o evento não condiz com a imagem de um líder disposto a defender a Bretanha a qualquer preço.

A tese de Ashe é instigante, mas está longe de ser consenso. Diante de tantas incertezas e da falta de material histórico confiável, o renomado historiador David Dumville, também da Universidade de Cambridge, exortou a hipótese do colega, e fez um apelo para que todos os historiadores abandonassem o assunto por completo. O pedido funcionou e, nos últimos 20 anos, praticamente nenhum historiador da academia se aventurou a descobrir a identidade secreta do rei.

A Batalha de Badon foi o evento fundador do mito de que um líder bretão voltaria para unir todos os clãs contra os invasores. Se Artur esteve lá, jamais teremos certeza. No entanto, sabemos que depois dela, as lendas sobre esse guerreiro só aumentaram.

Em um raro vestígio reconhecidamente histórico datado do século 6 - cerca de 100 anos depois de Monte Badon -, o livro *De Excedio et Conquestu Britanniae* ("A Destruição Britânica e Sua Conquista", sem versão em português), escrito por um monge chamado Gildas, descreve a Bretanha como um país, subjugado pelos saxões. O religioso protesta contra os líderes locais, que faziam alianças com os estrangeiros para enfrentar escotos e pictos do norte, o que acabou abrindo espaço para a invasão. No fim, ele clama pela volta do guerreiro que havia vencido a Batalha de

Badon. O único detalhe é que o nome desse líder não era Artur, mas Ambrósio Aurélio.

Artur mesmo, com esse nome, só apareceu no século 9, num relato conhecido como *Historia Brittonum* (História dos Bretões, sem versão em português) e atribuído a outro monge: Nennius. Ele conta 12 grandes vitórias de um líder corajoso e inteligentíssimo chamado Artur, que teria colecionado vitórias sobre os saxões, culminando com o triunfo em Monte Badon.

Na década de 70, lingüistas e historiadores reviraram a obra de Nennius e não restou dúvida para ninguém de que ela é baseada no texto de Gildas. No entanto, a obra de Nennius apresenta novos componentes retirados de lendas celtas e galesas.

Ele conta, por exemplo, que em uma batalha, Artur teria matado 940 inimigos com um só golpe. Essa era uma forma tradicional nas narrativas celtas: incluir feitos obviamente inverídicos fazia crescer a fama do guerreiro. A maior novidade acrescida por Nennius, o nome Artur, também tem uma referência na mitologia celta: uma coletânea de lendas sobre antigos heróis galeses chamada *Mabinogion* fala de um líder chamado Artur.

### **O rei e sua corte**

No século 12, seis séculos após o período em que teria vivido, Artur finalmente foi promovido de líder guerreiro a rei. A transformação aconteceu na obra *Historia Regum Brittoniae* ("História dos Reis da Bretanha", sem tradução para o português), do clérigo Geoffrey Monmouth.

Usando as fontes de que dispunha, como os escritos de Gildas, a tradição oral bretã e gaulesa e muita imaginação, Geoffrey fez o impossível: traçou a genealogia de todos os reis da Inglaterra desde 1100 a.C. Entre eles, Artur despontou como um dos mais importantes monarcas da Bretanha.



Um rei deve ter uma rainha e Artur ganhou a companhia da Gueneviere e um castelo, localizado em Tintegel (aquele que foi localizado em escavações arqueológicas, na década de 70). Misturando fantasia e história, Monmouth vai criando, um a um, os ingredientes da lenda: Artur ora aparece lutando contra monstros e gigantes, ora é mortalmente ferido e retira-se para a ilha de Avalon, onde estaria situado outro mundo. Também é mencionada a fonte mágica de seu poder, uma espada chamada Caliburn. O mago Merlin também fez sua estréia: foi ele quem profetizou o nascimento do rei.

O livro de Monmouth transformou o guerreiro bretão em príncipe da cristandade: corajoso, justo, respeitado e invencível. Seu objetivo, segundo Adriana Zierer, era legitimar o poder dos reis ingleses. A obra teve tanta influência que por 600 anos foi considerada a versão oficial da história britânica.

Outra proeza foi ter transformado aquilo que os franceses consideravam um amontoado de histórias sem pé nem cabeça produzidos por bárbaros irracionais em algo que viria a ser uma das maiores fontes de inspirações para os artistas franceses. A "História dos Reis Bretões" deu origem a uma proliferação de romances conhecidos genericamente como "matéria da Bretanha".

Na França, essa moda daria um novo impulso ao reinado de Artur. Chrétien de Troyes escreveu cinco livros sobre o rei e sua corte, nos quais introduziu personagens como os cavaleiros Percival e Lancelot, a mesa redonda em volta da qual se reuniam, o Graal e o castelo de Camelot.

"A adoção de Artur pela literatura francesa lhe deu um certo refinamento de costumes, com a introdução de conceitos como a civilidade, o casamento e a fidelidade", afirma Teresa de Queiroz, historiadora da Universidade de São Paulo. Outra novidade foi que os cavaleiros tornam-se os personagens mais atuantes.

O rei deixa de se envolver nas lutas e aventuras, sendo consultado apenas para julgar a situação ou dar a palavra final. "Isso reflete muito bem o jogo de poder na época, onde o monarca começava a se fortalecer e a nobreza, sentindo-se ameaçada, tentava se reafirmar", afirma a historiadora da USP.

Para ela, a Inglaterra precisava de um mito fundador e de um herói, assim como a França tinha Carlos Magno. Se esse herói era real ou não, não era tão importante. Mas vida na corte não parece ter feito bem ao nosso herói e Artur, o guerreiro bretão, o nobre cavaleiro, torna-se o marido traído.

Gueneviere mantém um romance com Lancelot. Mas a infidelidade da rainha é apenas um ponto menor (e menos importante) do tratamento que Artur recebeu da literatura francesa. Para viver na França, maior país cristão da época, o rei passaria a lidar com a idéia de pecado, valores morais e uma conduta casta.

A história de Artur passa por um processo de cristianização. Seu escudo passa a ostentar a imagem da Virgem Maria e o graal, um objeto sagrado na mitologia celta, foi transformado no cálice usado por Jesus Cristo na última ceia e "Há, ainda, uma clara associação entre a espada, fonte da força de Artur com a cruz, origem do poder da monarquia", afirma Teresa.

Só em 1470 foi publicado o romance que daria ao rei Artur seu acabamento final, que conhecemos hoje. Le Morte d'Arthur ("A Morte do Rei Artur", sem versão em português), de Thomas Malory,

reuniu todos os elementos anteriores para produzir uma narrativa coerente, onde todas as versões se encaixavam para dar aos britânicos o seu herói. O que ficou, afinal, foi um homem valoroso, de inegáveis força e senso de justiça. É como Artur vive no imaginário de seu povo e acabou sendo assim no mundo todo.

Créditos:

Por Giba Stam

Eber Evangelista

Fonte: Publicado originalmente em Históriaedição 1 - julho 2003

### **Lista parcial de filmes baseados na lenda do Rei Arthur**

1953 - Os Cavaleiros da Távola Redonda — dirigido por Richard Thorpe e estrelado por Robert Taylor (Lancelot), Ava Gardner (Guinevere), Mel Ferrer (Rei Arthur) e Anne Crawford (Morgana).

1954 - The Black Knight — dirigido por Tay Garnett e estrelado por Alan Ladd e Patricia Medina

1954 - Príncipe Valente — dirigido por Henry Hathaway e estrelado por James Mason, Janet Leigh e Robert Wagner (como o Príncipe Valente).

1963 - Lancelot and Guinevere — dirigido por Cornel Wilde.

1963 - A Espada Era a Lei — longa-metragem de animação da Disney.

1967 - Camelot — dirigido por Joshua Logan e estrelado por Richard Harris (Rei Arthur), Vanessa Redgrave (Guinevere) e Franco Nero (Lancelot).

1073 - Gawain and the Green Knight — produção britânica.

1974 - Lancelot du Lac — dirigido por Robert Bresson.

1975 - Monty Python - Em Busca do Cálice Sagrado — dirigido por Terry Gilliam e Terry Jones

1979 - Perceval le Gallois — dirigido por Eric Rohmer.

1981 - Excalibur — dirigido por John Boorman e com Nigel Terry (Rei Arthur) e Helen Mirren (Morgana).

1984 - Sword of the Valiant: The Legend of Sir Gawain and the Green Knight — produção britânica.

1990 - Les Chevaliers de la table ronde — produção francesa.

1992 - Ginevra — produção alemã.

1994 - Guinevere — filme para a televisão, com Sheryl Lee (Guinevere), Sean Patrick Flanery (Rei Arthur) e Noah Wyle (Lancelot).

1995 - O Primeiro Cavaleiro — dirigido por Jerry Zucker e estrelado por Sean Connery (Rei Arthur), Richard Gere (Lancelot) e Julia Ormond (Guinevere).

1996 - Coração de Dragão — dirigido por Rob Cohen e estrelado por Dennis Quaid e Julie Christie.

1997 - O Príncipe Valente — dirigido por Anthony Hickox e com Edward Fox como o Rei Arthur.

1998 - Quest for Camelot — filme de animação da Warner Bros.

1998 - Merlin — filme para a televisão, com Sam Neill, Helena Bonham Carter, Miranda Richardson, John Gielgud e Martin Short.

2001 - As Brumas de Avalon — dirigido por Uli Edel e estrelado por Anjelica Huston (Vivianne), Julianna Margulies (Morgana), Joan Allen (Morgause) e Samantha Mathis (Gwenwyfar).

2002 - Aprendiz de Feiticeiro — produção sul-africana, com Robert Davi (Merlin) e Kelly LeBrock (Morgana).

2004 - Rei Arthur — dirigido por Antoine Fuqua e estrelado Clive Owen (Rei Arthur) e Ioan Gruffudd (Lancelot).

2006 - O Aprendiz de Merlin - A Busca pelo Santo Graal — dirigido por David Wu e estrelado por Sam Neill (Merlin) e Miranda Richardson.